

# **AS TERRITORIALIDADES ÊMICAS E FÁGICAS DA FÉ EM OPOSIÇÃO AO DISCURSO PELA DIVERSIDADE EM CAMPINA GRANDE-PB**

Antonio Albuquerque da Costa<sup>1</sup>

Alcindo José de Sá<sup>2</sup>

## **Resumo**

A insegurança, a violência e a efemeridade com a qual os espaços são consumidos e descartados, são características do momento atual, no qual ganha destaque o multiculturalismo e a diversidade, enquanto que, antagonicamente, percebemos uma sociedade de exclusão, indiferença e estranhamento, com espaços que se reproduzem através de territorialidades fechadas e avessas aos estranhos e diferentes. São tais antagonismos que discutimos na produção dos eventos realizados em Campina Grande - PB no período do carnaval, que aparentemente é uma prova de civilidade entre religiões e culturas, mas que na prática configura-se em territórios de tolerância, mas não de inclusão.

**Palavras-Chave:** Campina Grande, Encontro da Nova Consciência, Pós-modernidade, Territorialidade, Diversidade, Exclusão.

## **Abstract**

Insecurity, violence and the ephemerally with which the spaces are consumed and discarded are characteristics of the current moment, in which, wins prominence the multiculturalism and the diversity, while that, anatomically, we notice an exclusion society, indifferences and strangely, with spaces that reproduce itself through territoriality closed and contrary to the strangers and the differences. These antagonisms that we discussed in the production of the events accomplished in Campina Grande - PB in the period of the carnival, which

---

<sup>1</sup>Doutorando do PPGEIO/UFPE – albuqcosta@hotmail.com

<sup>2</sup> Professor Adjunto do Departamento de Ciências Geográficas da UFPE –alcindo@ufpe.br

seemingly is a proof of civility among religions and cultures, but in practice it configures itself in territories of tolerance, but not of inclusion.

**Keywords:** City of Campina Grande, “New Conscience” Meeting, Post-modernity, Territoriality, Diversity, Exclusion

## **Introdução**

O presente texto tem o objetivo de refletir sobre o espaço urbano de Campina Grande – PB a partir dos eventos temporalmente delimitados e espacialmente definidos. Ou seja, o período carnavalesco no qual se realiza há 16 anos o Encontro da Nova Consciência e os outros vários encontros religiosos que posteriormente<sup>3</sup> passaram a ocorrer em simultaneidade.

Partindo da afirmativa de Santos (1997, p. 70) que “os eventos, as ações não se geografizam indiferentemente. Há, em cada momento, uma relação entre valor da ação e valor do lugar onde ela se realiza”, já que a localização dos eventos tem relação direta com a importância simbólica dos espaços, procuramos a partir de tal premissa analisar a espacialização e territorialização de tais eventos em locais que entendemos como privilegiados ou estratégicos, seja pela acessibilidade e/ou simbolismos dos quais estão imbuídos.

Com base no recorte espaço-temporal que abrange os locais de realizações dos eventos religiosos e da Nova Consciência no período do Carnaval, pretendemos explicar como o pensamento pós-moderno<sup>4</sup> está impregnado nas ações e na produção dos objetos geográficos. Embora, aqui, tratando de um fragmento espaço/temporal, entendemos que o mesmo não deriva de eventos nem de ações isoladas do contexto contemporâneo, e que, ainda que assuma as especificidades do lugar faz parte e reflete a tendência de uma época e de toda a sociedade.

---

<sup>3</sup> Exceção feita ao MIEP – Movimento de Integração do Espírita Paraibano – que já se realiza há 34 anos.

<sup>4</sup> Pela própria natureza do trabalho não adentraremos na precisão do conceito de pós-modernidade ou no debate sobre o fim ou não da modernidade. Adotaremos o termo pós-modernidade para designar o complexo processo de mudanças pelo qual passa a sociedade e conseqüentemente o espaço.

Na tentativa de justificar nossa abordagem geográfica sobre o tema encontramos em Sá (2005, p.13) argumentos que cremos servir as nossas inquietudes, quando o mesmo afirma que

Queiramos ou não a ciência geográfica, como área do conhecimento humano, social e historicamente construída, oferece perspectivas de análise dos fenômenos que matizam às transformações do mundo, já que detém idéias imbuídas de unidade explicativa das metamorfoses sócio-espaciais, a exemplo dos sistemas técnicos, científicos, informacionais como simbiose indissociável de ações e objetos na feitura das geografias diversas.

Aqui acrescentamos também os sistemas de valores e idéias que permeiam nossa sociedade no espaço/tempo atual, metamorfoseando as relações humanas. Porém, o que para nosso enfoque, que necessariamente precisa ser geográfico, torna-se mais importante, é entender como todos esses processos de transformações sociais se materializam espacialmente, ainda que sem o deixar marcas duradouras na paisagem.

Pretendemos, através dessa análise rápida e sucinta, levantar questionamentos que temos a cerca do espaço que se reproduz na pós-modernidade, ou como diz Bauman (2003, p. 73), nessa “modernidade líquida”, na qual as certezas e utopias se diluem e o grande vazio de incertezas e inseguranças conduz a essa busca individual e frenética por um porto seguro que leva a multidão de náufragos a busca de uma “comunidade”, de uma identidade, do reconhecimento e de uma perspectiva de futuro ainda que esta seja transcendental.

Por fim, se vivemos hoje a valorização das culturas e das diferenças, o que entendemos como extremamente positivo, defendemos, no entanto, que esta valorização se reduz a falácias, enquanto que nas relações reais, no espaço concreto, são a indiferença, o estranhamento e a intolerância que se acentuam cada vez mais. O espaço se reproduz com territorialidades múltiplas que, quando muito, se admiti a tolerância. Tudo isso conduz a um sério agravante: o de que nos tornemos alheios às desigualdades em nome da defesa das diferenças.

## **A cidade e a produção dos eventos**

A crise da década perdida<sup>5</sup> e toda a política neoliberal que se implanta na década de 1990, com o desmonte do Estado, o enfraquecimento das políticas públicas federais de planejamento regional e a valorização do lugar para dar respostas ao processo globalitário, levaram a uma guerra entre os lugares, os quais tentam de alguma forma se tornarem viáveis para competirem entre si na atração de recursos.

É neste contexto que a cidade de Campina Grande tentar tirar proveito de suas potencialidades geograficamente produzidas para criar novas virtualidades a partir do turismo de eventos. Política e *Marketing* se fundem na construção da imagem da cidade, que precisa ser vendida, num esforço de se manter como lugar luminoso, capaz de refletir vetores da globalização.

Tornada centro regional no capitalismo pesado, Campina Grande monta a infra-estrutura material de serviços, comércio, indústrias, bem como a infra-estrutura dos sistemas de fluxos, que se tornam a base importante para sua adaptação no momento de conversão para o capitalismo “flexível”, desregulamentado, de nichos e globalizado.

São essas adaptações, de pouco alcance perceptíveis pela grande maioria da população, que leva ao entendimento de que a cidade entra numa crise sem precedentes, quando na verdade o que entra em crise são as estruturas de uma produção fordista, de um capitalismo que mesmo global enquanto sistema se reproduzia local e regionalmente através de atores próximos e identificáveis. Desta forma, a cidade das indústrias fordistas de produção em série, do comércio atacadista de alcance supra-estadual vai dando lugar a uma cidade de serviços, dentre os quais, certamente, o serviço educacional faz a maior diferença para o contexto atual.

Assegura-nos Araújo (1999, p. 151) que

Dentre os novos elementos capazes de atrair atividades e investimentos, especialmente no que diz respeito às atividades industriais, vêm sendo freqüentemente apontados; a existência de mão-de-obra qualificada, a presença de

---

<sup>5</sup> Década de 1980.

competentes Centros de Ensino e Pesquisa Científica e Tecnológica, a existência a de bom clima de negócios (empresários locais abertos a parcerias e alianças estratégicas e atores públicos locais ativos), a existência de uma massa crítica de fornecedores locais de componentes e serviços, entre outros. (grifo nosso)

Daí a importância que atribuímos a consolidação de cidade como Centro de Ensino e de todo o *marketing* que se faz sobre a mesma como um “Pólo tecnológico”, um “Oásis *high tec*”. São, portanto, atividades que fazem Campina Grande aparecer como “lugar luminoso” em meio a grande opacidade que se tornou a maior parte do meio circundante com a emergência do meio técnico-científico-informacional, o qual viabiliza a fluidez do capital. Não podemos, entretanto, nos deixar levar pelo encantamento do *marketing*, pois, se por um lado a cidade passa a exportar *software*, por outro lado são empresas que geram poucos empregos e para uma parcela mínima e de alta qualificação, situação que exclui a grande massa dos jovens campinenses.

A solução encontrada pelas cidades nordestinas, especialmente aquelas do litoral, para atrair recursos, foi a do investimento no turismo. No entanto, o *marketing* do turismo nordestino é feito, basicamente, sobre as praias de areias brancas, mar azul turquesa, águas mornas e sol durante todo o ano, situação na qual Campina Grande não se insere. Daí a saída para o turismo de eventos, o qual além de divulgar a cidade, até em nível nacional, tem importante conotação política, já que esta modalidade de turismo é “vendida” para a população local como importante gerador de emprego e renda, o que é de certa forma inconcebível, já que sendo o evento elemento da atualidade “esgotam suas possibilidades” no momento em que acontecem. (SANTOS, 1997, p.115).

Desta forma, tanto o festejo regional como o São João foi ressignificado e reelaborado, como novos eventos foram criados, a exemplo da Micarande<sup>6</sup> e do Encontro da Nova Consciência. Enquanto que, eventos culturais como o Festival de Inferno perde importância para o poder público e o carnaval de rua é renegado ao plano de mínima importância. Note-se que há um arrefecimento dos eventos

---

<sup>6</sup> Carnaval fora de época ao estilo dos carnavais da Bahia.

populares<sup>7</sup> e uma valorização dos eventos de massa, neste aspecto o São João que era uma festa popular torna-se num mega-evento para as massas<sup>8</sup>.

No período carnavalesco, no qual as cidades brasileiras “se transformam antes de cair de novo na sua rotina” (Bauman, 2001, p. 115), Campina Grande sai de sua rotina, porém diferentemente do que Bauman (op. cit., p.115) ressalta, o outro lado da cidade é suprimido, as regras do cotidiano continuam a prevalecer e até a serem mais rígidas. É o momento em que a cidade se transforma na “Meca” para as várias religiões e que pára para pensar na humanidade e no seu futuro, faz jus a sua condição de cidade universitária e “pensa” enquanto o resto do país se diverte. Neste aspecto, é uma cidade com um grande diferencial, já que ao invés de competir com outros centros tradicionais na realização de seus carnavais, torna-se atrativa por ser exclusiva e “não ter carnaval”.

A análise que se segue procura, justamente, entender às diversas territorialidades cíclicas que se estabelecem no período carnavalesco em Campina Grande, tomando como referências empíricas os diversos encontros filosóficos e religiosos realizados na cidade no referido período.

### **O todo cujas partes se separam**

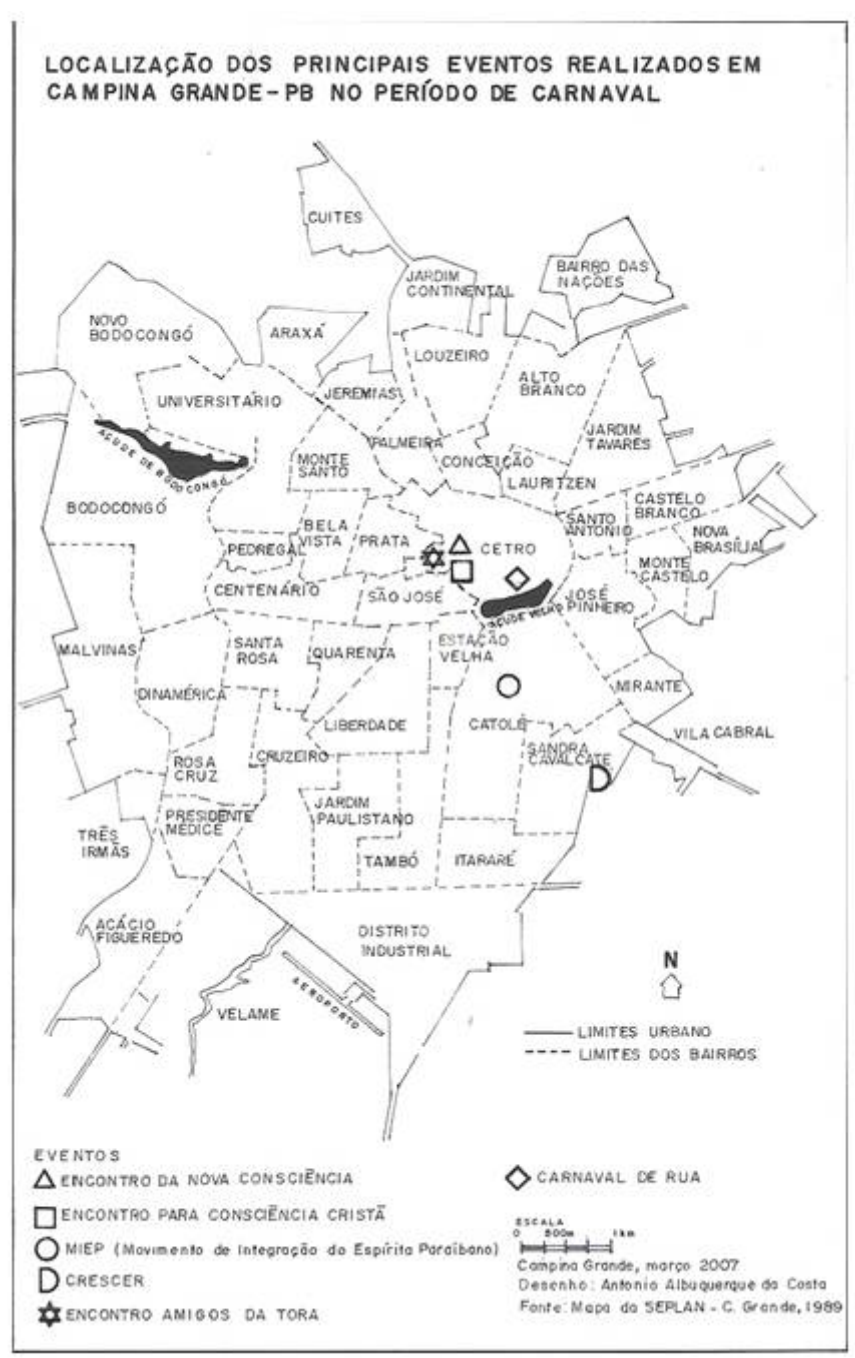
Gestado numa concepção pós-moderna que busca discutir à pluralidade da sociedade, o Encontro da Nova Consciência tem se encaminhado muito mais para o aspecto religioso, ainda que primando pela diversidade, englobando vários eventos paralelos, como dos esotéricos, dos tarólogos, das rezadeiras, de xamanismo, do Santo Daime, de astrologia, Hare Krishna, Wicca, islâmico, cristão, das religiões afro-brasileiras etc. Ao lado desses eventos de caráter religioso, é importante destacar os movimentos artísticos com apresentações de peças teatrais, shows musicais, exposições de artes plásticas e de artesanatos etc.

---

<sup>7</sup> O Festival de Inferno nunca teve um apelo popular, sempre teve como público alvo uma classe média intelectualizada que aprecia as artes sob seu caráter mais erudito.

<sup>8</sup> “A cultura de massa é indiferente à ecologia social. Ela responde afirmativamente à vontade de uniformização e indiferenciação. A cultura popular tem raízes na terra em que vive, simboliza o homem e o seu entorno, encara a vontade de enfrentar o futuro sem romper com o lugar, e de ali manter a continuidade, através da mudança”. (SANTOS, 1999, p. 262).

Em paralelo ao Encontro da Nova Consciência, há a nove anos o Encontro para a Consciência Cristã (diversas igrejas evangélicas) no Parque do Povo, o CRESCER da igreja católica, que se realiza na casa de show Spazzio na sua décima versão, o encontro Amigos da Tora (judaico), realizado pela primeira vez no Centro de Tecnologia Professor Severino Loureiro e o MIEP (Movimento de Integração do Espírita Paraibano), que se realiza na sede da Sociedade de Estudos e Educação Espírita no bairro do Catolé há 34 anos. (Mapa 01)



Na contramão desses eventos (muito mais afeitos aos gostos de uma classe média), o carnaval de rua ainda tenta sobreviver com o último fôlego que lhe resta. É, porém, através deste que constatamos o imenso fosso social que se abriu na nossa sociedade. Temática cada vez menos discutida, até mesmo nos meios acadêmicos, já que o pensamento pós-moderno privilegia em seu discurso culturalista “a heterogeneidade e a diferença como forças libertadoras” (HARVEY, 2000, P. 19), a problemática da exclusão social fica meio que “fora de moda”. Sobre esta mudança de enfoque na questão social adverte Bauman (2003, p. 72) que:

Colocar a questão do reconhecimento no quadro da justiça social, em vez do contexto da ‘auto-realização’ [...] pode ter um efeito de desintoxicação: pode remover o veneno do sectarismo [...] do ferrão por reconhecimento. As demandas por redistribuição feitas em nome da igualdade são veículos de integração, enquanto que as demandas por reconhecimento em meros termos de distinção cultural promovem a divisão, a separação e acabam na interrupção do diálogo.

De forma bastante lúcida sobre a problemática do reconhecimento, nesta forma descrita por Bauman (*op. cit.*), a palestrante Sandra Epega, da Tradição de Orisa, afirmava, em sua apresentação, que não aceitava o termo tolerância religiosa, lutava sim por aceitação e convívio. Denunciava também que nem mesmo a tolerância tem sido viável, ao citar a destruição de terreiros de umbanda nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo e o episódio do dia anterior<sup>9</sup> no Encontro da Nova Consciência, quando jovens evangélicos tentaram impedir o acesso de pessoas ao Teatro Severino Cabral para participarem do referido evento.

Nos explica Santos (*op. cit.* p. 76), que “um evento é o resultado de um feixe de vetores, conduzido por um processo, levando uma nova função ao meio preexistente”, desta forma, o Parque do Povo, local dos eventos festivos, com destaque especial para o “Maior São João do Mundo”, torna-se o território de uma

---

<sup>9</sup> Palestra realizada no dia 20 de fevereiro de 2007, terça feira de carnaval, no teatro Municipal Severino Cabral – Campinas Grande – PB.

grande diversidade de igrejas cristãs identificadas como “evangélicas”. Espaço que em tal momento se ressignifica com o novo uso atribuído por estes grupos religiosos, perdendo em tal momento o estigma de espaço da idolatria dos santos juninos, tão festejados pela cultura nordestina.

Evento realizado há nove anos, o “Encontro para a Consciência Cristã” se amplia a cada ano e já ocupa toda a área do Parque do povo. Bem aos moldes da espetacularização da pós-modernidade, o referido evento é grandioso não só pela mega-estrutura que ostenta, mas também pela multidão que diuturnamente superlota o espaço da sua realização. (Foto 01 e 02).

Os evangélicos são, certamente, a vertente religiosa que melhor captou o espírito do presente momento histórico, acolhendo diversas formas de pensamento, estilos de vida, gostos musicais etc., transformando este encontro num evento de fé e doutrinação, mas também de distração. Ao lado das pregações e palestras há momentos para a descontração, no qual, os jovens podem manifestar seus gostos musicais através de um rock, sambinha ou outro ritmo musical, de extrema animação, porém sem perder o caráter de louvação ao “Senhor”.



Foto 01 – “Ilhas” do 9º Encontro para a Consciência Cristã. Fonte: O autor (2007)



Foto 02 – Pavilhões e espaço de alimentação do 9º Encontro para a Consciência Cristã. Fonte: O autor (2007)

O espaço denominado de “praça de alimentação” é destinado a sociabilização dos grupos que contam com a segurança da comunidade evangélica, de iguais na fé, num território delimitado por tapumes<sup>10</sup> de madeira compensada e guarnecido por policiais que em plataforma elevada e central ao pátio tem o controle de toda a área, configurando-se um verdadeiro panóptico aos intrusos<sup>11</sup> da comunidade.

Se Santos (1997, p. 67) nos adverte para a dificuldade que temos de distinguir neste mundo pós-moderno o discurso dos “políticos e das mercadorias, ambos submetidos às mesmas regras de *marketing*”, certamente tal observação serve também para as religiões, e neste aspecto, voltamos a afirmar que os “evangélicos” de longe são os que melhor sabem utilizar tal recurso. Desta forma, observamos que o “Encontro para a Consciência Cristã” chega a obscurecer o mais importante dos eventos realizado em Campina Grande durante o carnaval, ou seja, o Encontro para Nova Consciência. Outrossim, é de todos os eventos

<sup>10</sup> Os tapumes de madeira compensada dão proteção e isola a comunidade, e no caso específico das ilhas onde se realizavam *workshops* os tapumes têm a função de simulacro da muralha de Jerusalém.

<sup>11</sup> Segundo Bauman (2002, p. 52) “‘Intrusos’ são todas as outras pessoas, culpadas de ter suas próprias agendas e viver suas vidas de modo como querem”.

simultâneos o que mais exhibe a publicidade de empresas diversas, as quais têm interesses de verem seus nomes associados à moral cristã e ao evento.

Ao lado do *marketing*, a técnica é outro recurso largamente utilizado no evento, assim como a linguagem dos sinais, que integra os surdo-mudos. Não se trata aqui de uma crítica a utilização de tais recursos, mas da constatação da perspicácia na utilização dos mesmos como forma de tornar o evento mais atrativo e dinâmico, sobretudo para os jovens. Pois como afirma Santos (1997, p. 46) “a cada lugar geográfico concreto corresponde, em cada momento, um conjunto de técnicas e instrumentos [...], resultado de uma combinação específica que também é historicamente determinada”. Aliás, podemos constatar que a própria linguagem da globalização (o inglês) se faz presente ao evento, na parte do evento destinado às crianças, cujo tema é “Consciência Cristã Kids”. (Foto 03).

Embora os fiéis tenham a proteção e a segurança da comunidade<sup>12</sup>, as marcas de um espaço urbano inseguro e violento se refletem no aparato de segurança que se faz dentro e fora dos tapumes, bem como no corredor que liga o espaço da Consciência Cristã ao espaço da Consciência Kids.



Foto 03 - Consciência Cristã Kids. Fonte: O autor (2007)

---

<sup>12</sup> O termo comunidade tem em todo o texto a conotação “comunidade-cabide” tal como descreve Bauman (2002, p. 21).

Apesar de estrategicamente localizado, o Encontro para a Consciência Cristã territorializa-se numa área que se constitui numa das principais para o fluxo de pessoas que se dirigem para o carnaval de rua, tanto por está próximo às paradas de ônibus, que servem a praticamente todos os bairros da cidade como por ser a passagem natural para quem procede de bairros pobres como a Bela Vista e o Pedregal, de onde converge grande fluxo de pedestres. São, portanto, pessoas estranhas à comunidade, que representam perigo e insegurança, situação que se encaixa adequadamente a escrita de Bauman (2002, p. 7), quando assevera que, “Lá fora, na rua, toda a sorte de perigo está à espreita; temos que estar alertas quando saímos, prestar atenção com quem falamos e a quem nos fala, estar de prontidão a cada minuto”.

Por estarem localizados na contigüidade espacial entre o Teatro Municipal (Encontro da Nova Consciência), o Parque do Açude Novo (Palco para os shows musicais da Nova Consciência e o Encontro dos Amigos da Tora) e o Parque do Povo (parte do Encontro para a Consciência Cristã), os freqüentadores destes espaços e eventos contam com “segurança” policial e do aglomerado das comunidades e de tais territórios contíguos. A idéia de mais segurança também se faz através das blindagens dos automóveis particulares, quando os freqüentadores e fiéis se dirigem para estes territórios ou saem dos mesmos. São, portanto, pessoas com mobilidades limitadas, que gozam de uma “liberdade individual incompleta”, como nos diz Bauman (2001, p.62)

Durante o período carnavalesco, parte significativa da população campinense deixa a cidade em busca dos carnavais de Recife, Olinda ou Salvador, ou vai para as praias do litoral paraibano, fluxo este que vem se realizando sempre com mais intensidade em função do *marketing* que passou a valorizar o mar e o sol. Sendo assim, as ruas da cidade ficam desertas (Foto 04) e passam a ser evitadas pelas pessoas que temem algum tipo de violência. Constatamos, dessa forma, que são as classes menos favorecidas e mais excluídas que têm maior mobilidade pelo espaço urbano, pois são elas que podem circular, pelas ruas vazias da cidade, fato que se dá pela valorização ou desvalorização que ganha a corporeidade, nesses tempos da modernidade líquida.



Foto 04 – Rua Otacílio Nepomuceno – Importante via de acesso ao Shopping Center Iguatemi - Numa tarde de terça-feira de Carnaval. Fonte: O autor (2007).

Entendemos que esta valorização do corpo se dá tanto pela característica contemporânea que tem no indivíduo “a marca registrada da sociedade moderna” (BAUMAN, 2001, p. 39) como pelo extremo da mercadificação ao qual chegamos, na qual o próprio corpo tem valor de troca, seja pelos objetos que conduz agregados a si, seja pelo status individual que valoriza o corpo a ser protegido. Desta forma, os despossuídos valem pouco e têm pouco a perder ou a oferecer, e, embora não imunes à violência, indesejados e incômodos, têm a liberdade de andar pelas ruas, liberdade esta que as classes médias perderam em nome da segurança, pois como nos mostra Bauman (2002, p. 10 -11) “a segurança e a liberdade são dois valores igualmente preciosos e desejados [...] não seremos humanos sem segurança ou sem liberdade; mas não podemos ter as duas coisas ao mesmo tempo e ambas na quantidade que quisermos”.

Se os anos de 1960 e 1970 foram, segundo Zukin apud Bauman (2001, p.110), “um divisor de águas na institucionalização dos medos urbanos”, em Campina Grande, parece-nos que a institucionalização da violência e do medo só se efetivou nos anos de 1990. Aliás, parece ser os anos de 1990 um divisor de águas para Campina Grande, pois, como já havíamos sugerido anteriormente, foi na referido década que “a montagem do meio técnico-científico-informacional se

faz mais evidente ao espaço campinense” (COSTA, 2003, p.64). Desta forma, recorremos a Santos (1997, p. 49) para encontrar uma explicação plausível à nossa observação, quando o mesmo afirma que “A idade das variáveis presentes em cada lugar acaba sendo medida com referência a fatores internos e externos, sobretudo nos países subdesenvolvidos. [...] A cada momento, cada lugar recebe determinados vetores e deixa de acolher muitos outros. É assim que se forma e mantém a sua individualidade” (SANTOS, op. cit., p. 107).

O carnaval de Campina Grande foi reduzido à classe dos excluídos e a um espaço êmico<sup>13</sup> para a realização do evento, enquanto que no passado tinha à dimensão da cidade. O discutível de tudo isso é que vivemos um momento de valorização da cultura popular e de louvação a diversidade, principalmente pela mídia. No entanto, a criatividade dos social e espacialmente excluídos, que pobremente fantasiados vão a avenida se divertir, pois também precisam de diversão e arte, é vista com menosprezo pelas outras camadas da população.

Os bois-de-carnaval, papangus, ala-ursas e blocos de caboclinhos que histórica e culturalmente fazem parte dos carnavais campinense não passam hoje de rugosidades que persistem nos grupos sociais de mais baixo poder aquisitivos e exatamente por isso passam a ser digno de desprezo, até pelo encontro da Nova Consciência que tem como meta discutir a diversidade e a convivência do multicultural. Aliás, foi com o advento do Encontro da Nova Consciência e da Micarande que se lança a “pá de cal” sobre o carnaval de rua, para que os novos eventos se destacassem.

As cenas surreais de “papangus” solitários por ruas desertas a caminho da folia de rua mostram bem essa “‘defesa [dos] atores sociais, de sua especificidade cultural e psicológica’, [que] ‘pode ser encontrado dentro do indivíduo, e não mais em instituições sociais ou em princípios universais’”. (ALAIN TOURAINE apud BAUMAN, 2001, p. 29). Embora tornado em evento êmico, que se realiza em espaço também êmico, o carnaval de rua de Campina Grande ainda é comandado pela surpresa, a criatividade e a espontaneidade dos foliões.

---

<sup>13</sup> Espaço de separação, seletivo no seu acesso e no seu uso (BAUMAN, 2001, p. 118).

A Micarande<sup>14</sup>, ao contrário do carnaval de rua, é, na sua aparente diversidade, um evento antropofágico ao homogeneizar os grupos que participam dos blocos, homogeneização que ocorre tanto nos abadá<sup>15</sup> quanto nas classes sociais dos jovens que participam das efêmeras comunidades que têm a duração dos percursos dos trios elétricos. Cercados por cordas de isolamento e “protegidos” pelo o olhar vigilante dos seguranças, este evento tem marca explícita da concepção teleguiada pelos “templos do consumo” e, certamente, não é por acaso que a saída dos blocos se dá da frente do Shopping Iguatemi.

Se, como dissemos, a Micarande é fágica na formação dos blocos, é extremamente êmica na separação e na exclusão que se dão entre os diversos atores que estão presentes ao evento. Análise que pretendemos nos ater mais detalhadamente em um outro momento, por não se propor o presente artigo a discutir o carnaval fora de época, mas do tempo do carnaval no qual se realizam outros eventos.

A lógica do mercado globalizado, da concorrência acirrada, do estabelece-se quem for competente parece ter chegado também ao mercado das religiões. E nesta corrida por novos adeptos, em um mercado saturado, as religiões, tal como a imprensa, recorrem ao sensacionalismo. A cada ano atrações inusitadas são chamativos para um ou outro evento a exemplo do ex-travesti convertido ao protestantismo que no ano de 2006 foi a grande atração do Encontro para a Consciência Cristã e o ex-membro do Comando Vermelho convertido ao catolicismo, “João Gordo”, que no último Crescer (2007) foi um dos chamativos ao encontro.

O CRESCER<sup>16</sup>, em nada lembra os estudos de Rosendahl (1999). Realizado em uma gigantesca casa de show, o Spazzio, tem um público predominantemente jovem, e ações que se aproximam da vertente “carismática” do catolicismo. A animação e descontração presente no CRESCER não têm o aspecto de uma “busca de satisfação e conforto espiritual, acompanhado [...] de

---

<sup>14</sup> A Micarande é um carnaval realizado em Campina Grande fora da época carnavalesca, ao estilo dos carnavais da Bahia

<sup>15</sup> Segundo o dicionário Aurélio, o Abadá é o traje de origem nagô, camisolão folgado e comprido. Nos blocos da Micarande, esta vestimenta tem valor simbólico, seu preço está associado ao status do bloco que, por sua vez, está diretamente relacionado a fama momentânea do grupo musical ou vocalista que puxará o trio elétrico. O camisolão, principalmente o feminino, passa por reformas para se adaptar ao estilo do usuário. No período que compreende o início das entregas dos abadá<sup>15</sup> até o início da Micarande, costureiras se dedicam a reformar destas vestimentas.

<sup>16</sup> Encontro de Cristãos Católicos

sofrimento físico” (ROSENDAHL, 1999, p. 95), mas do êxtase da fé. Não sendo um espaço produzido para a hierofania, mas para a diversão, tem uma infraestrutura de sanitários e lanchonetes no mesmo ambiente que se destina, em tal momento, a prática do sagrado. Sua localização nos arrabaldes da cidade não conta com a presença de intrusos, como ocorre no Encontro para a Consciência Cristã. Também não apresenta as barraquinhas de lanches (foto 05), tal como no Encontro para Consciência Cristã, onde é possível identificar duas categorias de comerciantes, um formalizado dentro da estrutura do evento e outro na entrada, configurando-se num autêntico circuito inferior e de exclusão.



Foto 05 - Comércio de Alimentos no Acesso ao Encontro para a Consciência Cristã. Fonte: O autor (2007).

Observamos, ainda, que sendo o Spazzio destituído de beleza arquitetônica (Foto 06), que ao contrário dos “santuários católicos devem ter a função de fornecer beleza visível aos fiéis” (JORDAN apud ROSENDAHL, 1999, p. 86), é na decoração do palco (Foto 07), com suas luzes e faixas que se reproduz um ambiente de beleza e grandiosidade, para onde converge às atenções e de onde se comandam as celebrações. Tal como nas igrejas protestantes, a estrutura do Encontro para a Consciência Cristã, é destituída de

ornamentação, embora suas tendas e tapumes façam lembrar a “Terra Santa”. Em ambos os casos as adaptações configuram-se como simulacros que buscam transmitir sensações de espaços metafísicos aos fiéis.



Foto 06 – Casa de Show Spazio. Fonte: O autor (2007).



Foto 07 – Palco do Spazio no CRESCER. Fonte: O autor (2007).

O Miep (Movimento de Integração Espírita Paraibano) realiza-se na sede da Sociedade Espírita no Bairro do Catolé, sendo um evento que antecede o turbilhão pós-moderno, bem como pela própria filosofia espírita, não tem o mesmo glamour dos eventos das religiões majoritárias. Embora gozando de prestígio nas classes médias da população, esta doutrina ainda é vista com preconceito por parte significativa da população, sobretudo pelos “evangélicos”, que mais fundamentalistas, condenam o espiritismo, associando-o a manifestações diabólicas. No último encontro o evento apresentou uma certa descentralização com a biblioteca itinerante (Foto 08) e a exposição sobre o *médium* Chico Xavier, a mais carismática personalidade do espiritismo no Brasil, no shopping Iguatemi.



Foto 08 – Biblioteca espírita itinerante –Praça da Bandeira. Fonte: O autor (2007)

É, porém, através do Encontro da Nova Consciência, realizado no Teatro Municipal Severino Cabral, que a civilidade<sup>17</sup> entre as diversas religiões ocorre. São religiões minoritárias em número de seguidores. Esta civilidade se reflete espacialmente no pequeno comércio e nas manifestações culturais realizadas na frente do teatro, no seu saguão e ruas adjacentes ao prédio, tornando este espaço de fato público. Os freqüentadores, ainda que estranhos e diferentes entre si, não representam ameaças, todos têm o objetivo de manifestar seus gostos ou fé e ter uma identidade, talvez nesse espaço e nesse curto período as pessoas

---

<sup>17</sup> Segundo Bauman (2001, p. 112) a civilidade é “a atividade que protege as pessoas umas das outras, permitindo, contudo, que possam estar juntas”.

percebam que podem “compensar suas fraquezas individuais pela ‘força do número’” (BAUMAN, 2001, p. 41), pena que não mais partindo para a ação coletiva, já que o encontro é casual, não tem a força da permanência, se dilui com o evento e com o retorno do indivíduo ao individualismo, como é típico dessa fluidez contemporânea.

## **Considerações Finais**

O Encontro da Nova Consciência e os demais eventos paralelos, que acontecem no período carnavalesco na cidade de Campina Grande, é uma amostra da diversidade que sempre esteve presente no espaço, porém ressaltada com a pós-modernidade. Situação que poderia ser interessante no convívio com o diverso, se não vivêssemos hoje uma crise do coletivismo e uma exacerbação do individualismo. É, portanto, o tempo de antagonismos, no qual a tendência à homogeneização valoriza o diferente, a exaltação à diversidade conduz ao estranhamento e o que se traduz como flexibilidade leva às incertezas e às inseguranças.

É nesse mundo de incertezas, de ausência de utopias e de crise dos valores éticos e morais, que vemos uma religiosidade crescente, pois como nos diz Rosendahl (1999, p.50) “a religião constitui-se em solução para as frustrações dessa vida terrena, como a realização de tudo que não pode ser realizado aqui”. Significa, também, a busca pela segurança de uma comunidade, a tentativa de adquirir uma identidade sólida, na insolidez das crises das identidades e das instituições. A pujança dos eventos religiosos sobrepondo outros eventos constata essas carências dos indivíduos contemporâneos, serve também para expor uma ferida que nos esforçamos em não perceber, do crescente estranhamento com o diferente, das territorialidades êmicas e fágicas que fragmentam o espaço.

A apelo do marketing divulgando o convívio harmonioso das diversas crenças em Campina Grande, durante essa curta temporada, ajuda a vender a imagem da cidade, mas não elimina a real antropológia que se dá entre os grupos, seja de forma explícita, como a condenação verbal aos espíritas e homossexuais, seja de forma implícita, mas institucionalizada, como no banimento dos pobres para espaço de não convívio com os turistas e

participantes dos eventos culturais e religiosos. É esse distanciamento que causa o medo pelo desconhecido, aprofunda o abismo social e gera a insegurança.

Campina Grande utilizando-se do *marketing* de congregar o diverso e discutir importantes temas da humanidade, durante todo o período carnavalesco. Antagonicamente, a realização dos eventos se dá com territorialidades e estranhamentos, situação que não se limita ao período e aos eventos, apenas reflete algo maior, que permeia a cidade e toda a sociedade contemporânea, pois como ocorre com todas as cidades, o espaço se reproduz com o medo, a insegurança, os muros (físicos e ideológicos) que separam, excluem e aprofundam as desigualdades, criando todos os tipos de territorialidades.

## Referências

ARAÚJO, Tânia Bacelar de, Por uma política de pensamento regional. **Revista Econômica do Nordeste**. Fortaleza, v. 30, n. 2, p. 144-161, abr./jun. 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. Título Original; Liquid Modernity.

\_\_\_\_\_. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. Título Original Community (Seeking Safety in an Insecure Word).

COSTA, Antonio Albuquerque da. **Sucessões e Coexistências do Espaço Campinense na sua Inserção ao Meio Técnico-Científico-Informacional**: a feira de Campina Grande na interface desse processo. 2003. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Geografia. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. 9ª ed. Tradução Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2000. Título Original; The condition of postmodernity.

ROSENDAHL, Zeny. **Hierópolis**: o sagrado e o urbano. Rio de Janeiro: edUERJ, 1999.

SÁ, Alcindo José de. **O Brasil encarcerado das prisões fora dos presídios às prisões internas aos presídios**: uma geografia do medo. Recife; Editora Universitária da UFPE, 2005.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo. Razão e emoção. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Hucitec, 1997.